

# Investigar é preciso!

## *Research is necessary!*

Nuno Bernardino Vieira

**A** Investigação Clínica no dia-a-dia dum Internista, refiro-me também a todos os internos que abraçaram a Medicina Interna como sua, pode ter vários significados. Para alguns pode representar uma oportunidade de crescimento intelectual, para outros uma forma de realização profissional, ou ainda um escape à rotina da actividade assistencial, para outros apenas uma obrigação curricular, ou algo supérfluo que se evita, ou até mesmo uma verdadeira perda de tempo. Certamente que grande parte dos Internistas se identificam com pelo menos um destes sentimentos.

No entanto, a par da actividade assistencial e da formação, a investigação é um dos três vectores que constitui a actuação do Internista. São três vectores que se cruzam e se complementam diariamente, contribuindo cada um deles de forma fundamental para a edificação da Medicina Interna.

O programa de formação do internato médico da área profissional de especialização de Medicina Interna<sup>1</sup> contempla esta complementariedade, sendo referido que o Interno na totalidade do seu internato deve adquirir progressiva autonomia em diversos itens, sendo um deles a “elaboração e execução de projectos de investigação”. Também a nível europeu, quando se discutem as competências básicas de um Internista, se valoriza a competência em investigação: “Os Internistas devem estar familiarizados com as bases científicas da Medicina e com o uso do método científico na investigação médica. Devem também ser capazes de rever criticamente os resultados dos estudos de investigação”.<sup>2</sup>

Para a Medicina Interna portuguesa, a investigação clínica pode também desempenhar um papel fundamental na afirmação científica da especialidade. Quando olhamos para outras especialidades médicas, constatamos que existe uma clara aposta no desenvolvimento do conhecimento médico através de projectos de investigação, que são também utilizados como veículos de promoção das próprias especialidades. Olhemos também para a nossa congénere espanhola, pela simples visita ao *website* da Sociedade Espanhola

de Medicina Interna, e ficamos rendidos ao volume e qualidade da actividade científica desenvolvida pelos seus núcleos de estudo. Os Internistas portugueses, no seu caminho de afirmação e de reconhecimento inter-pares, para além do papel fundamental que desempenham e irão desempenhar no hospital do futuro, também têm que demonstrar o seu peso científico com o desenvolvimento de projectos de investigação que tenham visibilidade tanto nacional como internacional.

Mais importante que o volume, importa apostar na qualidade e no impacto científico da investigação que é desenvolvida. Quando analisamos o último Congresso Nacional de Medicina Interna,<sup>3</sup> que decorreu no passado mês de Maio em Vilamoura, de um total de 906 comunicações apresentadas, apenas 13,0% foram referentes a estudos epidemiológicos, 6,4% referentes a casuísticas, enquanto que as restantes consistiram no relato de casos clínicos. A inversão desta proporção é algo essencial para o crescimento científico da Medicina Interna portuguesa. Embora o estudo de casos clínicos seja uma óptima oportunidade para gerar questões de investigação, é com o desenvolvimento de estudos epidemiológicos, sejam eles descritivos, analíticos, ou até mesmo experimentais, que será possível acrescentar algo de novo ao conhecimento médico. São estes projectos de investigação que são reconhecidos e que são também potenciais focos de melhoria dos cuidados prestados pelos Internistas na sua actividade assistencial diária.

Para além do repto à investigação, é também fundamental comunicar as nossas observações e conclusões, para que o conhecimento gerado não fique enclausurado entre paredes nos Serviços de Medicina Interna. É preciso investigar e publicar, e só desta forma é possível dar visibilidade ao trabalho desenvolvido. A Revista Medicina Interna, pretende continuar a representar para os Internistas portugueses uma oportunidade de disseminar os resultados dos seus projectos de investigação. Com o esforço desenvolvido de disponibilizar gratuitamente *on line* uma edição bilingue (português e inglês) dos conteú-

dos da revista, tornou-se bem real a possibilidade dos trabalhos aqui publicados terem repercussão internacional. O crescimento da Revista Medicina Interna depende também desta mudança de paradigma, pois só com o aumento do número de artigos originais referentes a estudos epidemiológicos ou casuísticas, e com a correspondente diminuição do peso dos Casos Clínicos na revista, será possível alcançar o objectivo da indexação.

Esperemos então, que a Investigação Clínica ganhe protagonismo na actividade dos Serviços de Medicina Interna de todo o país, pois é reconhecido por todos que a investigação de qualidade já há muito transpôs os muros dos hospitais universitários. Com mais ou menos meios, é sempre possível gerar uma questão de investigação, desenhar um estudo que lhe dê resposta e comunicar aos outros as nossas conclusões. ■

## Bibliografia

1. Programa de formação do internato médico da área profissional de especialização de medicina interna. Portaria n.º 614/2010. Diário da República, 1.ª série, N.º 149 de 3 de Agosto de 2010.
2. Pålsson R, Kellett J, Lindgren S, Merino J, Semple C, Sereni D; For the EFIM/UEMS Working Group on Competencies in Internal Medicine in Europe. Core competencies of the European internist: A discussion paper. *Eur J Intern Med.* 2007 Mar;18(2):104-108.
3. Resumos de comunicações orais e posters do 18º Congresso Nacional de Medicina Interna. *Revista Medicina Interna.* 2012, vol. 19, Edição Especial.